

Pouco movimento nos hospitais

Os hospitais e centros de saúde do Plano Piloto e cidades-satélites ficaram quase desertos ontem, terceiro dia da paralisação do Movimento Unificado de Saúde. O funcionamento continuou reduzido ao atendimento de emergência. Cerca de 70% dos 15 mil servidores da Saúde estão parados, mas apenas 1.800 participaram da Assembléia Geral, realizada ontem, às 11h00, no Clube da Fundação Hospitalar.

Na maioria dos hospitais, o funcionamento de emergência esteve normal. A exceção foi no Hospital de Base do Distrito Federal (HBDF) onde houve um aumento de 50% no atendimento do pronto-socorro, segundo o vice-diretor do HBB, Rafael Barbosa Aguiar. "As pessoas que haviam marcado consultas no ambulatório e não sabiam da greve foram para a emergência", disse.

Segundo ele, 15 médicos da clínica médica, cirurgia, cardiologia e ortopedia estão ajudando na emergência. Mesmo assim, nem todos conseguiram ser atendidos. O aposentado Francisco Alberto de Souza, 70 anos, foi ao HBDF sentindo muita fraqueza, mas não conseguiu ser atendido porque o caso não foi considerado emergência. "Também fui ao Hospital do Gama e não me atenderam", contou Francisco, que mora no Núcleo Rural Ponte Alta.

A greve pegou desprevenida a dona de casa Maria Jéssica Silva, 66 anos, que veio de Santana (BA) para fazer a revisão do marcapasso.

"Não sabia sobre a paralisação. Agora vou ver se consigo ser atendida na emergência", disse. Além das consultas ambulatoriais, 23 cirurgias eletivas (com datas marcadas) foram suspensas no Hospital de Base. De acordo com o vice-diretor, os pacientes com consultas marcadas terão prioridade na remarcação da agenda.

No Hospital Regional da Asa Norte (HRAN), cerca de 700 pessoas foram atendidas na emergência. Os pacientes com consulta marcada estão apenas recebendo orientações e, em alguns casos, têm recebido a medicação indicada. O ambulatório do Hospital Regional da Asa Sul (HRAS) funcionou precariamente, com alguns médicos da clínica médica, pediatria e urologia. Segundo a enfermeira Sueli Fávero, encarregada do ambulatório, os médicos só não estão trabalhando porque dependem dos outros servidores.

O atendimento no pronto-socorro do Hospital Regional da Ceilândia aumentou ontem um pouco principalmente nos casos de pessoas que foram aos centros de saúde retirar pontos ou fazer vacinação. No Hospital Regional de Taguatinga o movimento foi inverso. A quantidade de pacientes na emergência era 40% menor que nos dias normais. "As pessoas devem estar pensando que o pronto-socorro também está fechado", comentou o chefe de equipe da emergência, Alberto Salami.